

Diário de Petrópolis, 28 de fevereiro de 2022.

O Confronto Global Vai Desestabilizar a Economia Mundial

Por: Ronaldo Fiani

Algumas pessoas consideraram meu artigo do domingo retrasado pessimista. No penúltimo domingo argumentei (de forma muito resumida) que a instabilidade provocada pelo confronto Ocidente-Oriente (leia-se Estados Unidos de um lado, China e Rússia do outro) vai começar a comprometer as cadeias globais de valor. Por estas cadeias passa boa parte da produção mundial de bens e serviços. Assim, o comprometimento destas cadeias vai desestabilizar a economia mundial.

O argumento por trás desta afirmação é que o desenvolvimento das cadeias globais de valor durante os últimos trinta anos não é apenas resultado de uma série de mudanças tecnológicas e institucionais, mas também políticas, e o quadro político internacional vem se deteriorando aceleradamente na última década. A eclosão recente do conflito entre Rússia e Ucrânia sugere que, em vez de ser resultado de uma visão pessimista, o diagnóstico que apresentei lança uma advertência urgente para o Brasil. Vejamos a razão disto.

Já mencionei aqui a importância das cadeias globais para a indústria e o comércio no país. Elas alimentam, entre muitos setores, a indústria automobilística brasileira com componentes eletrônicos, e o comércio varejista com produtos que são o resultado da atuação coordenada de fornecedores chineses, tailandeses e paquistaneses, apenas para citar alguns, sob a gestão de grandes empresas multinacionais.

Esta internacionalização da cadeia de fornecedores foi possível, em primeiro lugar, por uma série de inovações tecnológicas que agilizaram o comércio dos componentes e dos bens finais de consumo: em particular a comunicação digital, que permitiu a contratação e controle da produção de fornecedores espalhados pelo mundo com uma rapidez inusitada. Além dela, os containers facilitaram enormemente o transporte global das mercadorias.

Juntamente com essas inovações tecnológicas, a atuação de instituições multilaterais como a Organização Mundial do Comércio (OMC), criada em

1995 reduziu enormemente a insegurança quanto às políticas comerciais dos países. De fato, como explica o economista Dani Rodrik no seu livro *The Globalization Paradox (O Paradoxo da Globalização)*, com a OMC, a integração internacional dos mercados de bens e financeiro se tornou mais importante do que qualquer prioridade política nas agendas dos governos nacionais. Isso reduziu as incertezas na gestão das cadeias globais: a adesão dos países à OMC significava que nenhum tipo de barreira ao comércio na forma de quotas de importação ou tarifas protecionistas seria adotado e, portanto, trouxe maior tranquilidade para a gestão das cadeias de fornecedores.

Todavia, os estímulos às cadeias globais não se limitavam apenas a fatores tecnológicos e institucionais. Dois fatores políticos foram essenciais para o desenvolvimento destas cadeias: o colapso da antiga União Soviética e de seus aliados socialistas, e a abertura chinesa à economia global. Vamos considerar rapidamente a importância de cada um destes fatores.

O colapso da União Soviética (URSS) e seus aliados expandiu imensamente os mercados globais. Com o fim da URSS, uma parte substantiva da população mundial, que antes se encontrava isolada dos mercados globais ingressou subitamente, no curto espaço de 2 anos no mercado de trabalho global (entre 1989 com o colapso do muro de Berlim e dos países socialistas do Leste Europeu, e 1991 com o colapso da própria União Soviética e dos países que ainda se mantinham socialistas na Ásia e na África). Isto significou que um amplo mercado consumidor se abriu aos mercados globais.

O colapso do socialismo estimulou a expansão do comércio e da produção em nível global. A maior parte desta expansão foi capturada pela China, que oferecia uma fonte inesgotável de mão de obra incrivelmente barata (o salário por hora em média de um trabalhador chinês era pouco mais do que US\$ 0,60 no início dos anos 2000, quando a construção das cadeias globais estava a pleno vapor, contra mais de US\$ 20 nos Estados Unidos), juntamente com a perspectiva de enormes ganhos de escala proporcionados por um mercado de consumo chinês gigantesco.

Hoje, tudo mudou. A OMC, guardiã da liberdade de comércio foi paralisada pela decisão do ex-presidente norte-americano Donald Trump de bloquear a indicação de juízes para o órgão de apelação da entidade, que arbitra as disputas comerciais, tornando a OMC inoperante na prática, decisão esta que não foi revertida pela atual presidente Joe Biden, apesar de sua defesa da globalização.

Estados Unidos e China vivem um confronto geopolítico, e as tensões entre Rússia e Estados Unidos por conta do conflito na Ucrânia têm repercutido nos mercados financeiros globais.

Isto tudo, sem mencionar a crise da pandemia do Covid-19, que explicitou as vulnerabilidades das cadeias globais de valor, especialmente quando há crises internacionais.

Este confronto global, agora acentuado pelo conflito entre Rússia e Ucrânia vai desestabilizar o comércio mundial, o que deverá ter profundos efeitos na economia global. Trata-se de um processo irreversível, ainda que possa ser lento, de desconstrução das cadeias globais.

O Brasil precisa se preparar para a desestabilização das cadeias globais e da economia mundial.

Link para a matéria original:
<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-206177>